

# CONTATOS CULTURAIS E INADEQUAÇÃO DO INDIVÍDUO EM MEIA VIDA, DE V. S. NAIPAUL

## CULTURAL CONTACTS AND THE SELF'S INADAPTABILITY IN V. S. NAIPAUL'S HALF A LIFE

Carlos Roberto Ludwig **1**  
Rodrigo Poreli Moura Bueno **2**

**Resumo:** No romance *Meia vida*, de V. S. Naipaul, pretendo analisar a construção das personagens, como o narrador as representa, como Willie vê seu pai e os que estão à sua volta. Para isso, usarei os pressupostos de E. M. Forster (1997) e Todorov (2006). Quanto ao aspecto temático, analisarei a inadaptação do indivíduo à realidade, os enfrentamentos da vida e incapacidade de se fixar num único lugar por muito tempo, principalmente em relação a Willie, que faz várias tentativas de se situar na vida e no mundo. Estudarei também os contatos e as experiências do personagem principal nos países por que passou e o impacto, os choques culturais, os conflitos pessoais e o estranhamento que sentiu ao estar em contato com outras culturas. Essas experiências sempre são novas e impactantes para o personagem, o que mostra um universo diferente da cultura dele.

**Palavras-Chave:** Contatos Culturais; Inadequação do Indivíduo; Naipaul.

**Abstract:** In the novel *Half a Life*, by V. S. Naipaul, I intend to analyze the constructions of the characters, exactly as the narrator depict them, as Willie sees his father and those who are living around him. Thereto, I will base my discussion on E. M. Forster's (1997) and Todorov's (2006) assumptions. In terms of thematic aspects, I turn to the inadaptability of the self to the reality, the confrontment of life and in the incapability of fixing in one single place for long time, mainly Willy, who has tried many unsuccessful attempts to be situated in life and in the world. I will also analyze the contacts and experiences of the main character in the countries where he travelled through and the impact, the cultural and personal conflicts, as well as the estrangement felt by him when in touch with other cultures. Those experiences are always new and impacting for the character, which suggests a different universe of his own culture.

**Key-words:** Cultural Contacts; Inadaptability of the self; Naipaul.

---

Doutor e Mestre em Letras pela UFRGS, Graduado em Letras pela UFSM. Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: carlosletras@uft.edu.br **1**

Doutor em Filosofia pela UFSC. Docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. E-mail: rodrigoporeli@mail.uft.edu.br **2**

## Personagens e a inadaptação do indivíduo

O romance **Meia vida**, de V. S. Naipaul, de 2001, é uma obra que trata da situação do indivíduo vagando pelo mundo, tentando encontrar a completude nas ações e satisfação nos relacionamentos sociais e familiares. **Meia Vida** é um romance que trata da existência à mercê do mundo, de um indivíduo que precisa encontrar segurança e que se sente oprimido pela necessidade de construir seu futuro. Além disso, sente-se inadequado e inseguro pelos lugares por onde anda, sem ser capaz de se adequar a algum lugar, assim como sente estranhamento em relação à sua própria cultura, simbolizada na figura paterna.

Tzvetan Todorov (2006), em seu livro **As Estruturas Narrativas**, aponta que há dois aspectos centrais numa narrativa: as personagens e as ações. Para esse teórico,

não há personagens fora da ação, nem ação independente de personagens. [...] se as duas estão indissolivelmente ligadas, uma é entretanto mais importante que a outra: as personagens. Isto é, os caracteres, isto é, a psicologia. Toda a narrativa é 'uma descrição de caracteres'. (2006, p. 119-120)

Observa-se, desse modo, a importância das personagens na constituição do enredo, das ações e dos desenvolvimentos temático e psicológico da narrativa. No caso do romance **Meia Vida**, pode-se notar que o personagem Willie, o mais importante da trama, é que toma a decisão de ir tanto para a Inglaterra como para a África. A decisão dos personagens, portanto, é definidora das ações.

Todorov também trata da personagem no romance psicológico. Para o autor,

a narrativa psicológica considera cada ação como uma via que se abre à personalidade daquele que age, como uma expressão senão como um sintoma. A ação não é considerada por si mesma, ela é transitiva com relação ao seu sujeito. (2006, p. 121)

No romance **Meia Vida**, é possível ver também alguns traços psicológicos como a angústia das personagens frente à decisão de ter de abandonar seu país na tentativa de encontrar novas possibilidades de concretizarem suas ambições e sonhos em outras terras, outros países e em outras culturas.

Quanto aos tipos de personagens, E. M. Forster, em seu livro **Aspectos do Romance**, aponta dois tipos: as personagens planas e as personagens redondas. Forster assinala que as personagens planas "em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: quando há mais de um fator, atingimos o início da curva em direção às redondas. A personagem realmente plana pode ser expressa por uma só frase" (1974, p. 54). No romance de Naipaul, pode-se perceber algumas personagens planas como Serafina, que é uma personagem meramente figurativa, para representar, de certa forma, uma classe em decadência. Forster (1974) também propõe uma diferenciação entre as personagens planas e redondas. Segundo o autor,

O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela não surpreende, é plana. Se não convence, é plana pretendendo ser redonda. Possui a incalculabilidade da vida. (1974, p. 61)

No caso de uma personagem que tende a ser redonda, temos a irmã de Willie, Serojini. Ela surpreende Willie:

Eis que aparece um velho alemão e a feiosa Serojini se transforma. Torna-se uma mulher casada em toda sua plenitude, como se essa mulher tivesse estado ali, latente, o tempo todo. Ela ficou igualzinha à minha mãe. (2002, p. 103)

Nesse exemplo, percebe-se que Serojini é uma personagem que, a princípio, não surpreenderia ninguém, mas depois do casamento, depois de uma mudança de vida, assume novos

traços, nova postura, torna-se imponente e causa surpresa.

Assim também, Welles e Warren (2001) estabelecem a diferença entre as personagens planas e as redondas. Eles afirmam que

os chamados tipos característicos são personagens *planas*, como todos nós encaramos as pessoas com as quais só temos relações de uma dada índole; as personagens *redondas* combinam concepções e relações, são mostradas em diferentes contextos – na vida pública, na vida íntima, no estrangeiro. (2001, p. 53).

Desse modo, no romance **Meia Vida**, personagens como Willie e Ana podem ser consideradas redondas, pois são vistas em diferentes perspectivas, são personagens que definem os rumos da ação. A partir de agora, analisemos algumas das personagens do romance, no tocante à constituição das personagens.

Muitas das personagens do romance de Naipaul (2002) são descritas de modo convencional. O narrador não as apresenta lentamente, mas geralmente faz uma descrição física dessas personagens. E é importante notar que essas descrições acontecem sempre com personagens planas. Por exemplo, a descrição de Serafina. “Seu nome era Serafina. Era esguia, delicada, parecendo preocupada. O cabelo era negro a ponto de sugerir alguma tintura, e a pele muito branca, com pó-de-arroz até os cabelos.” (2002, p. 87). É uma descrição bastante limitada, apenas física, com um traço psicológico impressionista de que ela parece preocupada. Nesse sentido, temos uma descrição bastante limitada, que assinala um traço muito mais plano dessa personagem.

De modo similar, é a descrição que o narrador faz da moça que o pai de Willie conheceu na universidade:

Havia uma moça na universidade. Eu não a conhecia. Nunca tinha falado com ela. Nunca tinha falado com ela. Apenas a notara. Era pequena e de feições grosseiras, quase tribal na aparência, perceptivelmente negra, com dois grandes dentes brancos dianteiros que se destacavam, muito brancos. Usava cores às vezes muito vivas e às vezes enlameadas, parecendo misturar-se ao negrume de sua pele. Devia pertencer a uma casta atrasada. (2002, p. 17)

No caso dessa moça, é uma figura muito caricatural, apresenta traços de uma casta específica da cultura indiana. Essas personagens são meros figurantes, fazem parte da narrativa para compor um quadro, para compor uma ação. Servem para os fins da narrativa. Como afirma Todorov (2006), assim como há no romance psicológico, há também os romances em que predominam a ação:

Se o ideal de Henry James era uma narrativa onde tudo está submetido à psicologia das personagens, é difícil ignorar a existência de toda uma tendência da literatura na qual as ações não existem para servir de “ilustração” à personagem mas onde, pelo contrário, as personagens estão submetidas à ação. (2006, p. 120)

Tomemos como exemplo dessas personagens a moça da universidade estão, portanto, submetidas à ação, pois servem para um dado fim da narrativa como mostrar o conflito entre o pai de Willie e a sociedade. Elas, de fato, apresentam uma importância muito situada e específica na narrativa, a fim de concretizar um objetivo da economia da narrativa.

No caso das personagens redondas, o narrador não faz uma descrição física, única e definitiva, mas dilui, na narrativa, traços que nos dão uma idéia de como podem ser essas personagens. Nesses casos, há um predomínio de descrições e referências psicológicas, como é o caso do conflito entre Willie e seu pai ou os sentimentos de Willie ao conhecer Ana. Como o narrador descreve, essa personagem

Era uma jovem, miúda, magra, e muito bonita. Tinha um jeito de ser maravilhosamente à vontade. E o que mais subiu à cabeça de Willie foi que pela primeira vez na vida ele se sentiu na presença de alguém que o aceitava completamente. (2002, p. 111)

Se por um lado, as descrições físicas de Ana são bastante restritas, por outro, as sensações psicológicas e o impacto sobre o Willie são bem maiores e mais envolventes. É Ana que vai mudar o rumo de Willie, vai levá-lo para a África portuguesa. Em seguida, a admiração de Willie continua, sua personalidade lhe encanta. O narrador descreve essa personagem de modo muito peculiar:

Depois de meia hora o encanto não se quebrou, e Willie começou a se deleitar nessa nova sensação de ser aceito como homem, e ser, a seus próprios olhos, completo. Talvez fosse o livro que a fizesse olhar para ele dessa maneira, sem questionamentos. Talvez fosse a origem de Ana, uma africana miscigenada. Mas Willie não queria sondar, e aquilo que Ana lhe dava ele devolvia plenamente. Ficou fascinado pela jovem e, ao longo das semanas seguintes, aprendeu a amar tudo relativo a ela: sua voz, seu sotaque, suas hesitações sobre certas palavras em inglês, sua linda pele, a autoridade com que lidava com o dinheiro. (2002, p. 112)

Pode-se notar, nesse relato das sensações de Willie, alguns traços psicológicos dele tanto quanto dela. Ela mostra um fascínio, um encanto, uma leve hesitação psicológica, mas em outros momentos uma segurança latente que pode aflorar a qualquer momento. Por outro lado, Willie sente nela a completude e passa a amá-la por isso. Num certo sentido, pode-se observar que Willie sugere a palavra *Will* em inglês que quer dizer desejo, vontade. Nesse caso, desejo de completude, de conquista. Por exemplo, quando ele decide ir para a Inglaterra e depois para a África mostra seu profundo desejo de ir para esses países, bem como o desejo de encontrar a completude e a segurança nesses lugares.

Há, no início do romance, um narrador em primeira pessoa que é identificado com o pai de Willie. Ele relata ao filho seu passado e o porquê de seu nome. O pai também relata sua história quando jovem. Segundo o narrador:

Eu estava fazendo por algo que havia cometido e vivia como mendigo no pátio externo do grande templo. Era um lugar extremamente público, e por isso mesmo eu o escolherei. Meus inimigos entre os funcionários do marajá estavam, e eu estava mais seguro ali no pátio do templo, com muita gente entrando e saindo, do que no meu gabinete na repartição. Eu estava num estado de nervos por causa dessa perseguição e, para me acalmar, fiz também um voto de silêncio. (2002, p. 09)

Vê-se nessa primeira passagem o caráter revoltado de seu pai, a inaceitação da situação social e sua tentativa de tentar lutar através de um voto de silêncio. Para tanto, decide viver quase como um mendigo, sendo desprezado e perseguido pelos funcionários. Ele diz mais adiante: “Mas havia em mim o pequeno demônio da rebelião.” (2002, p. 14). Ele se revoltava contra as personagens que queriam de alguma forma prejudicá-lo só porque não aceitava como as coisas eram. E ainda: “Eu estava numa grande confusão, sentindo que todos nós vivíamos numa falsa segurança”. (2002, p. 15). O pai de Willie se mostra questionador, crítico e consciente da apatia geral de seus contemporâneos, num país dominado pela Inglaterra imperialista. Mesmo assim, agindo com seu voto de silêncio, sentia-se inútil, porque não podia fazer nada de muito substancial.

Também podemos ver no romance a relação entre Willie e seu pai. Desse modo, muitas vezes o narrador apresenta a personagem do pai de Willie através do olhar do filho. Por exemplo, o filho insulta várias vezes o próprio pai: “Eu desprezo o senhor” (2002, p. 38). E Willie também escrevia isso em suas redações escolares: “Não só ele é um farsante, mas também um covarde” (2002, p. 43). Willie não consegue entender a figura do pai, suas limitações, construindo uma

impressão negativa da figura do pai. Nesse sentido, ao sentir-se inconformado com a inação do pai, Willie tem que enfrentar a angústia da figura paterna opressiva, que sempre tenta puni-lo com seu silêncio e seu desprezo.

Além de desprezar o pai, Willie também sente vergonha de sua família, como o próprio pai pensa a respeito (2002, p. 44) e quando o menino está no colégio: “Wille descobriu que não sabia o que dizer sobre a profissão do pai. Também descobriu que sentia vergonha.” (2002, p. 39). Assim, pode-se considerar tanto o pai como o filho duas personagens bastante complexas ou “redondas”, pois apresentam profundidade psicológica e surpreende com suas ações e atitudes.

Outro traço importante na personalidade de Willie é sua incapacidade de se adaptar aos novos meios em que vive. Willie não consegue se encontrar e se adaptar no mundo tão almejado e tão idealizado por ele (Londres); conseqüentemente se obriga a ir para outros países. Já em sua própria terra natal, a Índia, não se sentia adaptado e ajustável naquele mundo e aos costumes de seus pais; por isso, tenta várias outras oportunidades, para viver somente uma vida incompleta. Quando está em Portugal, ele afirma que se sente “estranho” (2002, p. 165) por causa do “banheiro antiquado”, o que denota sua incapacidade de se adaptar, de se inserir num novo meio social, o que faz com que expresse estranhamento e angústia frente à realidade que ele tem que enfrentar.

Também afirma que não quer mais viver com Ana, depois de ter sofrido uma queda: “Vou me separar de você. [...] Não sei. Mas preciso parar de viver sua vida *neste lugar*.” (2002, p. 120, grifos meus). Ele não consegue se manter por muito tempo num mesmo local, como também não consegue manter relações por muito tempo com muitas pessoas, o que denota inadequação e estranhamento em relação ao lugar, às pessoas e até a si mesmo enquanto sujeito.

Willie tentara atingir completude também através da escritura literária. Depois de publicar um livro, arrepende-se de tê-lo escrito. Nesse ponto da narrativa, o narrador apresenta o espaço psicológico interior de Willie por meio de seu pensamento:

Willie pensou, ‘Melhor deixar o livro morrer. Que morra. Desapareça. Que eu não me lembre mais dele. Não vou mais escrever. De qualquer forma, esse livro é algo que eu não devia ter feito. Era artificial e falso. Preciso ser grato porque nenhum dos resenhistas percebeu de que modo ele foi feito.’ (2002, p. 110)

Como se nota, sua insatisfação e sua insegurança vêm à tona na recusa ao próprio livro. Ele não se identifica mais com sua obra, e conforma-se com a má recepção da crítica e sente-se aliviado pelo fracasso da obra. Nesse sentido, a própria narrativa incorpora a insatisfação de Willie por meio da escrita que, na visão dele, não é bem-sucedida, o que enfatiza ainda mais a inadequação de Willie.

Assim também, ele se sentia muito inseguro e apenas Ana era capaz de deixá-lo tranquilo e dar-lhe proteção: “Na África nós dois éramos muito unidos, e essa proximidade parecia natural. Ela me deu minha vida africana; ela era minha protetora; eu não tinha nenhuma outra âncora” (2002, p. 157-158). Percebe-se aqui também que Willie não consegue se sentir seguro, a não ser na presença de Ana. Ela é uma força que o ajuda a se manter na África. Depois de tantas tentativas e de estar aparentemente feliz com Ana, mesmo que ela fosse a única pessoa que lhe desse apoio, decide ir embora da África. No diálogo abaixo, vemos essa insegurança:

‘Você fez tudo por mim. Você facilitou tudo para mim aqui. Eu não poderia ter vivido aqui sem você. Quando lhe pedi, em Londres, eu estava com medo. Não tinha para onde ir. Eles iam me expulsar do colégio no final do semestre e eu não sabia o que fazer para não afundar. Mas agora a melhor parte da minha vida já passou, e eu não fiz nada.’

‘Você está com medo da nova guerra.’

‘É mesmo que a gente vá para Portugal, mesmo que me deixem entrar lá, tudo isso é sua vida que eu estou vivendo. Já faz muito tempo que eu estou escondido.’

Ana disse, ‘Talvez também não seja nem a minha vida que eu

estou vivendo'. (2002, p. 198)

Pode-se perceber aqui a insegurança de Willie, o medo e a angústia de ter de tomar decisões e ir embora para outros lugares. Mas também sua incapacidade de se prender por mais tempo a uma pessoa e viver uma vida que não lhe agrade, uma vida que não é sua. Além disso, Willie percebe que já viveu metade de sua vida e não fez nada: continua à deriva, sem saber para onde ir, isolado do mundo, tentando encontrar-se e descobrir um lugar em que ele se adapte.

## Contatos e Experiências Culturais

No romance **Meia Vida**, pode-se notar que Willie passa por várias contatos e experiências culturais desde sua infância na Índia até sua ida para a Inglaterra e para a África. Nessas suas mudanças de vida, a personagem conhece mundos diferentes e vivencia situações que lhe causam espanto, desconforto, insegurança e admiração. São contatos que mudam as concepções de Willie em relação ao passado e à sua terra natal, mas que também mostram uma realidade frustrante. Além disso, suas experiências mudam completamente as concepções que Willie tinha do mundo e das pessoas, concepções essas que eram sempre modeladas pelas concepções de sua própria cultura e religião.

Por exemplo, quando foi para Londres, o narrador descreve as sensações e impressões de Willie em sua viagem e em sua nova terra:

Foi de navio. E tudo nessa viagem o assustou de tal maneira – o tamanho de seu próprio país, as multidões no porto, o número de navios no porto, a confiança das pessoas no navio – que se encontrou sem nenhuma vontade de falar, no início por pura preocupação [...].

Sabia que Londres era uma grande cidade. Sua idéia de uma grande cidade era uma terra encantada, esplendorosa e ofuscante, e, quando chegou a Londres e começou a caminhar pelas ruas, ficou decepcionado. Não sabia para o que estava olhando. (2002, p. 51).

Nessa passagem, percebe-se o assombro de Willie em meio à multidão, a sua insegurança e o impacto de conhecer que seu próprio país era tão grande. No entanto, ao chegar em Londres, vê-se desencantado com um mundo que sempre idealizou e sonhou. A decepção ao enfrentar a realidade tal qual ela é deixa-o sem saber como reagir, e ele não consegue assimilar e entender o mundo que o cerca. Nesse momento, os sonhos e a idealização são frustrados por uma realidade que não corresponde às representações culturais apresentadas pela mídia e pelos livros que leu.

Essas frustrações se devem, em parte, à idealização que ele construiu desses lugares, mas, em parte também, às visões limitadas e parciais repassadas pela escola e pela mídia. Por exemplo, quando o narrador relata o que Willie pensa sobre o canal de Suez:

Conhecia o canal de Suez por suas aulas de geografia na escola; e um dos filmes de Hollywood a que assistira na escola da missão chamava-se *Suez*. Mas na cabeça de Willie, nem as aulas de geografia, nem o filme *Suez* eram estritamente reais. (2002, p. 53)

A visão que Willie tinha em relação aos fenômenos geográficos e naturais foram modelados por instituições que tentam “educar” uma população colonizada, dando-lhe apenas uma visão limitada e muito genérica do que de fato as coisas são.

Nesse sentido, na obra *Cultura e imperialismo*, Said discute como as narrativas produzidas pelas metrópoles desvalorizam as colônias: “as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidade dignas de representação sem o Ocidente. E quando há algo para ser descrito, é, segundo Conrad, indizivelmente corrupto, degenerado, irremediável.” (SAID, 1995, p. 20-21). Willie sentia também que não havia relações muito concretas entre o que ele aprendera na escola e os acontecimentos reais em si. Pode-se

notar novamente uma frustração da personagem frente ao mundo que descobre passo a passo, quebrando com as expectativas e mudando a experiência de Willie, o que mostra as incongruências do orientalismo nas representações da sua cultura e da cultura do outro.

Quando a personagem chega à África, sente outra vez um desconforto com a nova terra, com os costumes e tradições diferentes. A sensação de frustração de Willie é vista no primeiro dia em que chega ao novo país:

O primeiro dia na casa de fazenda de Ana (disse Willie) foi o mais longo que se possa imaginar. Tudo lá na casa – as cores, a madeira, os móveis, os cheiros – era novo para mim. Tudo no banheiro era novo para mim [...].

De algum modo esse dia passou, sem que Ana ou ninguém mais adivinhasse meu estado mental, a profunda dúvida que me acompanhava desde que saíramos da Inglaterra. (2002, p. 123-124)

Percebe-se aqui novamente a experiência que causa desconforto e impacto à personagem e a insegurança frente a essa nova situação. Willie sente-se de novo estranho à nova realidade, da qual passará a fazer parte de agora em diante. Em seguida afirma também que

Eu me senti muito longe de tudo o que conhecia, um estranho naquela casa branca de cimento, com todos aqueles móveis esquisitos, a antiga mobília colonial portuguesa, os velhos e bizarros metais do banheiro. (2002, p. 124)

Novamente, nota-se a sensação de estranheza e distanciamento do mundo com o qual estava habituado. É o espaço físico que lhe causa incômodos e desconforto. Desse modo, pode-se considerar que no romance há um embate entre duas culturas: a cultura oriental indiana e a cultura ocidental cristã, imperialista da Inglaterra e Portugal. O choque das culturas é sentido por Willie como se ele representasse, de alguma forma, toda uma cultura e um povo que entre em contato e em conflito com outra cultura. No começo do romance ele não entendia sua própria cultura, porque estava sendo influenciado pela cultura ocidental; da metade para o fim do romance, não entende as culturas ocidentais, talvez porque relembre sua cultura de origem e isso causa interferências em sua visão sobre a nova cultura em que está vivendo.

Nesse sentido, pode-se dizer que a personagem está vivendo no *entrelugar* de duas culturas, de acordo com Bhabha (1998). Nesse caso, nota-se que Willie não se adapta a cultura nova, em que está inserido, como também não se reconhece mais como pertencente à sua própria cultura. Tal sensação denota um sujeito fraturado, que habita o *entrelugar* de duas culturas que lhe causam estranhamento, insatisfação, insegurança e até mesmo medo de experimentar outras culturas.

Observa-se no romance também que há costumes e etnias diferentes. Por exemplo, quando alguns trabalhadores levaram comida do almoço para casa, Willie pensou: “Pelo jeito era a tradição local. Talvez tivessem vindo de longe e quisessem ter algo para comer ao voltar para casa.” (2002, p. 127). Ele nota hábitos diferentes, percebe que está vivendo em um mundo diferente do seu. Assim também, o protagonista observa as diferentes etnias na África: “Racialmente eram variados, indo do puro branco a um profundo marrom. Diversos tinham a cor da pele de meu pai, e talvez também por isso eles pareciam me aceitar.” (2002, p. 128). Nessa passagem, pode-se ver que assim como Willie identifica que eles são parecidos com os de sua cultura de origem, eles também o identificam e o aceitam como um indivíduo de cultura não-ocidental. Tanto Willie como os africanos se identificam com uma cultura dominada pelas culturas imperialistas, aceitam essa sua condição e muitas vezes nem a questionam, com a exceção de Willie que se dá conta das condições culturais vividas por ele e pelos africanos. Nota-se que é patente a dominação imperialista e orientalista que se sobrepõem à cultura do outro, fraturando o sujeito que é permeado pela cultura do outro, pela cultura do dominador.

## Considerações Finais

Conforme vimos acima, o romance **Meia vida**, de V. S. Naipaul, apresenta personagens planas e redondas. Assim também, utiliza técnicas de apresentação dos personagens tanto convencionais como de investigação psicológico. Muitas vezes Willie e seu pai são apresentados, nem sempre pelo viés do narrador, mas sobretudo pelo olhar do outro. Também se pôde perceber que a personagem Willie é inseguro, inconstante, não consegue se adaptar a novos meios sociais e precisa muito da força de Ana para conseguir viver na África.

Além do mais, foi possível verificar alguns exemplos do contato cultural que Willie experimenta durante suas constantes mudanças de vida tanto para a Inglaterra como para a África. Tanto os povos, as etnias, a língua tanto quanto os costumes sempre lhe causam algum tipo de impacto e reação. Não se sente à vontade nesses novos lugares em que passa a habitar. Em muitos sentidos, portanto, **Meia Vida** é um romance que trata da inaceitação das tradições e da inadaptação do sujeito em mundos diferentes do seu.

Nota-se também a presença de traços do orientalismo e do imperialismo que se sobrepõem à cultura do outro. Nesse sentido, podemos perceber que o estranhamento e a insegurança estão atrelados aos constructos históricos e culturais que o orientalismo e o imperialismo impõem sobre a cultura colonizada, fraturando o sujeito colonizado. Além disso, a situação de Willie é de desejo de adequação, o que faz com que não se fixe em um único lugar. Nesse sentido, trata-se de um sujeito que habita o *entrelugar* de duas ou múltiplas culturas, incapaz de se encontrar como sujeito pertencente a uma determinada cultura. As mazelas do imperialismo e do orientalismo deixam marcas que definem e interferem no modo de vida do sujeito subalterno que vaga em diversos países, sem se sentir adequado a uma cultura.

## Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. Tradução de Maria Helena Martins. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- NAIPAUL, V. S. **Meia Vida**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- TODOROV, T. **As Estruturas Narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- WELLEK e WARREN. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 4 de julho de 2018.  
Aceito em 3 de agosto de 2018.